

# PLANO DE AULA

<b>FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA</b> <b>DEPARTAMENTO DE INFÂNCIA E JUVENTUDE</b> <b>SETOR DE PLANEJAMENTO</b> <b>PLANO DE AULA Nº. 5</b> <b>1º CICLO DE JUVENTUDE (15 A 17 ANOS)</b>		<b>V UNIDADE: O ESPIRITISMO</b>  <b>SUBUNIDADE: LIVRE-ARBITRIO E LEI DE CAUSA E EFEITO</b>	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO
<ul style="list-style-type: none"> <li>* Conceituar livre-arbitrio.</li> <li>* Relacionar livre-arbitrio e responsabilidade.</li> <li>* Explicar a ação da lei de causa e efeito.</li> <li>* Dizer de que maneira o conhecimento do livre-arbitrio influencia na vida de cada um.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* O homem "(...) tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbitrio, o homem seria máquina." (15)</li> <li>* Do livre-arbitrio decorre a noção de responsabilidade: já que o Espírito possui a faculdade de escolher livremente o que pensar, falar e agir, é justo que ele seja responsável pelas consequências desses mesmos atos, palavras e pensamentos. Cada um é o construtor do próprio destino e não deve imputar a outros as faltas que cometa.</li> <li>* Não se pode desvincular, igualmente, a ideia de livre-arbitrio da Lei de Causa e Efeito: para cada ação existe uma reação, e tudo o que fizermos a nós retornará. A reencarnação é um dos instrumentos dessa Lei e através dela renascemos para promover o nosso reajuste progressivo, a nossa quitação para com a Justiça Divina.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Iniciar a aula comentando com os jovens sobre a busca da liberdade que existe na sociedade moderna. Todos querem ser livres para fazer o que bem entendem sem dar satisfações a ninguém e sem avaliar as consequências.</li> <li>* Em seguida, pedir aos jovens que respondam individualmente em tiras de papel às questões: — O que é liberdade? — Em que situações você se sente totalmente livre?</li> <li>* Pedir-lhes que guardem suas opiniões para reexaminá-las ao final do estudo.</li> <li>* A seguir, propor um estudo em grupo, seguindo as instruções do Anexo 2 e analisando algumas teorias sobre livre-arbitrio e Lei de Causa e Efeito.</li> <li>* Após a apresentação do resultado do estudo pelos grupos, promover uma discussão no plenário, de acordo com o seguinte roteiro.</li> </ul>	<p><b>TÉCNICAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Trabalho individual.</li> <li>* Estudo em grupo.</li> <li>* Exposição participativa.</li> <li>* Discussão.</li> </ul> <p><b>RECURSOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Roteiro e textos para estudo em grupo.</li> <li>* Subsídios para o evangelizador. Anexo 1</li> </ul>
<b>AVALIAÇÃO: A AULA SERÁ CONSIDERADA SATISFATORIA SE OS EVANGELIZANDOS CONCLUÍREM QUE O CONCEITO ESPÍRITA SOBRE O LIVRE-ARBITRIO É O MAIS COMPLETO E ADEQUADO E EXPLICAREM A AÇÃO DA LEI DE CAUSA E EFEITO.</b>			

CONT. DO PLANO DE AULA N.º 5 DA V UNIDADE: O ESPIRITISMO

1.º CICLO DE JUVENTUDE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	ATIVIDADES DO EVANGELIZADOR	ATIVIDADES DO EVANGELIZANDO	TÉCNICAS / RECURSOS
		<ul style="list-style-type: none"> <li>— Qual das teorias lhe parece mais lógica?</li> <li>— Que efeitos têm esses conceitos sobre as pessoas que ainda os cultivam?</li> <li>* Ouvir as respostas, fazendo comentários participativos sobre as teorias estudadas e dizendo a que Escolas pertencem.</li> <li>* Dar ênfase ao conceito espirita sobre livre-arbítrio. Anexo 1</li> <li>* A seguir, pedir-lhes que releiam os conceitos emitidos no início da aula e os avaliem.</li> <li>* Ouvir as opiniões dos alunos, levando-os a dizer quais as mudanças que neles (nos conceitos) fizeram após esses estudos.</li> <li>* Avaliar a aula propondo uma atividade em grupos para a criação de poemas com o título <i>Quem semeia, colherá.</i></li> <li>* Encerrar a aula com a leitura dos poemas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Participar dos comentários sobre as teorias analisadas.</li> <li>* Ler o conceito sobre liberdade, feito no início da aula comentando-o de acordo com os novos conhecimentos.</li> <li>* Dividir-se e, grupos para realizar a tarefa final.</li> <li>* Ler o poema criado no grupo.</li> </ul>	

# ANEXO 1

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 5  
SUBSÍDIOS PARA O EVANGELIZADOR

## Espiritismo e Livre-arbítrio

"P — Tem o homem livre-arbítrio de seus atos?

R. — Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina."

"O assunto é, até certo ponto, complexo.

Todavia, admiráveis páginas de Instrutores Espirituais e de companheiros encarnados têm-lhe proporcionado fulgurantes interpretações, abrindo, assim, novos e mais amplos horizontes ao seu estudo, em função da Doutrina dos Espíritos.

Emmanuel, nosso grande benfeitor, tem sido pródigo em conceitos altamente esclarecedores, com base no Evangelho Segundo o Espiritismo.

Estudemo-lo, inicialmente, com base em renomados penólogos.

Segundo a Escola Clássica, o homem dotado de inteligência e livre-arbítrio é penalmente responsável, eis que:

- a) — tem a faculdade de analisar e discernir.
- b) — tem o poder de livre deliberação.

A sociedade tem, pois, o direito de punir, porque o criminoso tem vontade para delinquir.

De acordo com a Escola Antropológica, o homem age por força de funções somático-medulares, glandulares ou cerebrais.

Assim,

a) — O crime não é resultado da livre vontade do delinqüente, mas de fatores biológicos.

Divergem, como vemos, as escolas precedentes. A escola Crítica, Eclética ou sociológica diz:

- a) — O crime resulta não da livre vontade do delinqüente, como querem os Clássicos;
- b) — nem da imposição de reflexos biológicos, herdados ou adquiridos, como querem os Antropologistas, exclusivamente, de *Fatores Sociais*.

O Espiritismo tem explicação própria. Tem conceitos essenciais que afinam, de alguma sorte, com as diversas escolas, indo, contudo, bem mais além, em virtude da reencarnação — chave mestra que abre as portas que permitem desvendar os grandes problemas que tanto trabalho têm dado aos penólogos, modernos e antigos.

Assim assegura o Espiritismo que:

- a) — Pelo uso do livre-arbítrio, a alma fixa seu destino, prepara suas alegrias ou suas dores.

- b) — O destino é resultante, através das vidas sucessivas, de nossas próprias ações e livres resoluções.
- c) — A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação.
- d) — Fatalidade (determinismo) e livre-arbítrio coexistem nos mínimos ângulos de nossa jornada planetária. (...)

Quando um Espírito, antes de reencarnar, escolhe a família, o meio social e as provas, de natureza moral ou física, por que tenha de passar, está usando a faculdade do livre-arbítrio, em concordância, no entanto, com situações e problemas do pretérito.

Segundo a maneira como se comporta junto à família, no meio social, e ante as provas em referência, cria o Espírito um "quadro de resgates" para o futuro, a que daríamos, em boa doutrina, o nome de "determinismo relativo".

Esse quadro pode sofrer alterações, não essenciais, em função da Misericórdia Divina e dos próprios méritos do Espírito, e, ainda, dentro do preceito evangélico de que 'o amor cobre a multidão de pecados.'

O livre-arbítrio não é absoluto, mas, sim, relativo — relativo à posição ocupada pelo homem na escala dos valores espirituais. (...)

Conclui-se, assim, com o Espiritismo, que:

- a) — O homem não é absolutamente livre, como quer a Escola Clássica.
- b) — O homem não é inteiramente abúlico, como quer a Escola Antropológica.
- c) — O homem não é exclusivamente o produto do meio, conforme preconiza a Escola Crítica.

Subordina-se o homem a livre-arbítrio relativo e a determinismo relativo. (...)

O homem que se torna criminoso, sob a influência oculta de um obsessão, é também responsável ante as leis divinas, porque "cedeu" às insinuações cruéis da entidade que lhe armou o braço, uma vez que poderia resistir ao assédio mental do Espírito.

Igualmente aquele que comete homicídio em estado de embriaguez não está isento de responsabilidade, em face da interpretação espírita, porque 'foi voluntariamente que o ébrio se privou da sua razão, para satisfazer as paixões brutais. Em vez de uma falta, *comete duas*' (...)

A responsabilidade, no entanto, não tem a mesma dimensão, em consonância, ainda, com o preceito de Jesus: 'ao que mais recebeu, mais será exigido.' (1)

"À medida que o indivíduo vai evoluindo e sua consciência se desenvolvendo, seu livre-arbítrio se amplia." (2)

⊥

825. *Haverá no mundo posições em que o homem possa jactar-se de gozar de absoluta liberdade?*

"Não, porque todos precisais uns dos outros, assim os pequenos como os grandes."

826. *Em que condições poderia o homem gozar de absoluta liberdade?*

"Na do eremita no deserto. Desde que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar; não mais, portanto, qualquer deles goza de liberdade absoluta."

827. *A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o de pertence-se a si mesmo?*

“De modo algum, porquanto este é um direito que lhe vem da natureza.”

828. *Como se podem conciliar as opiniões liberais de certos homens com o despotismo que costumam exercer no seu lar e sobre os seus subordinados?*

“Eles têm a compreensão da lei natural, mas contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Quando não representam calculadamente uma comédia, sustentando princípios liberais, compreendem como as coisas devem ser, mas não as fazem assim.”

a) — *Ser-lhes-ão, na outra vida, levados em conta os princípios que professaram neste mundo?*

“Quanto mais inteligência tem o homem para compreender um princípio, tanto menos escusável é de o não aplicar a si mesmo. Em verdade vos digo que o homem simples, porém sincero, está mais adiantado no caminho de Deus, do que um que pretenda parecer o que não é.”

### Escravidão

833. *Haverá no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual goze ele de absoluta liberdade?*

“No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peias. Pode-se-lhe deter o vôo não aniquilá-lo.”

834. *É responsável o homem pelo seu pensamento?*

“Perante Deus, é. Somente a Deus sendo possível conhecê-lo, ele o condena ou absolve, segundo a sua justiça.”

843. *Tem o homem livre-arbitrio de seus atos?*

“Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbitrio, o homem seria máquina.”

844. *Do livre-arbitrio goza o homem desde o seu nascimento?*

“Há liberdade de agir, desde que haja vontade de fazê-lo. Nas primeiras fases da vida, quase nula é a liberdade, que se desenvolve e muda de objetivo com o desenvolvimento das faculdades. Estando seus pensamentos em concordância com o que a sua idade reclama, a criança aplica o seu livre-arbitrio àquilo que lhe é necessário.”

845. *Não constituem obstáculos ao exercício do livre-arbitrio as predisposições instintivas que o homem já traz consigo ao nascer?*

“As predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme seja este mais ou menos adiantado, elas podem arrastá-lo à prática de atos repreensíveis, no que será secundado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder.” (361)

846. *Sobre os atos da vida nenhuma influência exerce o organismo? E, se essa influência existe, não será exercida com prejuízo do livre-arbitrio?*

“É inegável que sobre o Espírito exerce influência a matéria, que pode embarçar-lhe as manifestações. Daí vem que, nos mundos onde os corpos são menos

materiais do que na Terra, as faculdades se desdobram mais livremente. Porém, o instrumento não dá a faculdade. Além disso, cumpre se distingam as faculdades morais das intelectuais. Tendo um homem o instinto do assassinio, seu próprio Espírito é, indubitavelmente, quem possui esse instinto e quem lho dá; não são seus órgãos que lho dão. Semelhante ao bruto, e ainda pior do que este, se torna aquele que nulifica o seu pensamento, para só se ocupar com a matéria, pois que não cuida mais de se premunir contra o mal. Nisto é que incorre em falta, porquanto assim procede por vontade sua." (Vede nºs 367 e seguintes – "Influência do organismo".)

847. *A aberração das faculdades tira ao homem o livre-arbítrio?*

"Já não é senhor do seu pensamento aquele cuja inteligência se ache turbada por uma causa qualquer e, desde então, já não tem liberdade. Essa aberração constitui muitas vezes uma punição para o Espírito que, porventura, tenha sido, noutra existência, fútil e orgulhoso, ou tenha feito mau uso de suas faculdades. Pode esse Espírito, em tal caso, renascer no corpo de um idiota, como o déspota no de um escravo e o mau rico no de um mendigo. O Espírito, porém, sofre por efeito desse constrangimento, de que tem perfeita consciência. Está aí a ação da matéria." (371 e seguintes)

848. *Servirá de escusa aos atos reprováveis o ser devida à embriaguez a aberração das faculdades intelectuais?*

"Não, porque foi voluntariamente que o ébrio se privou da sua razão, para satisfazer a paixões brutais. Em vez de uma falta, comete duas."

849. *Qual a faculdade predominante no homem em estado de selvageria: o instinto, ou o livre-arbítrio?*

"O instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade, no tocante a certas coisas. Mas, aplica, como a criança, essa liberdade às suas necessidades e ela se amplia com a inteligência. Conseqüentemente, tu, que és mais esclarecido do que um selvagem, também és mais responsável pelo que fazes do que um selvagem o é pelos seus atos."

850. *A posição social não constitui às vezes, para o homem, obstáculo à inteira liberdade de seus atos?*

"É fora de dúvida que o mundo tem suas exigências. Deus é justo e tudo leva em conta. Deixa-vos, entretanto, a responsabilidade de nenhum esforço empregardes para vencer os obstáculos."

872. A questão do livre-arbítrio se pode resumir assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências. Fá-lo-á utilmente, quando se embasar no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.

Desprendido da matéria e no estado de erraticidade, o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corporais, de acordo com o grau de perfeição a que haja chegado e é nisto, como temos dito, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Esta liberdade, a encarnação não a anula. Se ele cede à influência da matéria, é que sucumbe nas provas que por si mesmo escolheu. Para ter quem o ajude a vencê-las, concedido lhe é invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (337)

Sem o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. E isto a tal ponto está reconhecido que, no mundo, a censura ou o elogio são feitos à intenção, isto é, à vontade. Ora, quem diz vontade diz liberdade. Nenhuma desculpa poderá, portanto, o homem buscar, para os seus delitos, na sua organização física, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar ao bruto. Se fora assim quanto ao mal, assim não poderia deixar de ser relativamente ao bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado de averbar o fato à sua conta, como mérito, e não cogita de por ele gratificar os seus órgãos, o que prova que, por instinto, não renuncia, mau grado à opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os sucessos da vida, qualquer que seja a importância deles. Se tal fosse a ordem das coisas, o homem seria qual máquina sem vontade. De que lhe serviria a inteligência, desde que houvesse de estar invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pela força do destino? Semelhante doutrina, se verdadeira, conteria a destruição de toda liberdade moral; já não haveria para o homem responsabilidade, nem, por conseguinte, bem, nem mal, crimes ou virtudes. Não seria possível que Deus, soberanamente justo, castigasse suas criaturas por faltas cujo cometimento não dependera delas, nem que as recompensasse por virtudes de que nenhum mérito teriam. Demais, tal lei seria a negação da do progresso, porquanto o homem, tudo esperando da sorte, nada tentaria para melhorar a sua posição, visto que não conseguiria ser mais nem menos.

Contudo, a fatalidade não é uma palavra vã. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como *prova*, *expição* ou *missão*. Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as *tendências* boas ou más, que lhe são inerentes. Ai, porém, acaba a fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não a essas tendências. *Os pormenores dos acontecimentos, esses ficam subordinados às circunstâncias que ele próprio cria pelos seus atos*, sendo que nessas circunstâncias podem os Espíritos influir pelos pensamentos que surgiram. (459)

Há fatalidade, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, por serem estes consequência da escolha que o Espírito fez da sua existência de homem. Pode deixar de haver fatalidade no resultado de tais acontecimentos, visto ser possível ao homem, pela sua prudência, modificar-lhes o curso. *Nunca há fatalidade nos atos da vida moral.*

No que concerne à morte é que o homem se acha submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, por isso que não pode escapar à sentença que lhe marca o termo da existência, nem ao gênero de morte que haja de cortar a esta o fio.

Segundo a doutrina vulgar, de si mesmo tiraria o homem todos os seus instintos, que, então, proviriam, ou da sua organização física, pela qual nenhuma responsabilidade lhe toca, ou da sua própria natureza, caso em que lícito lhe fora procurar desculpar-se consigo mesmo, dizendo não lhe pertencer a culpa de ser feito como é. Muito

mais moral se mostra, indiscutivelmente, a Doutrina Espírita. Ela admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude e, se lhe diz que, praticando o mal, ele cede a uma sugestão estranha e má, em nada lhe diminui a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, o que evidentemente lhe é muito mais fácil do que lutar contra a sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode cerrá-los à voz material daquele que lhe fala ostensivamente. Pode-o pela ação da sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando, para tal fim, a assistência dos bons Espíritos. Foi o que Jesus nos ensinou por meio da sublime prece que é a *Oração dominical*, quando manda que digamos: *Não nos deixes sucumbir à tentação, mas livra-nos do mal.*”

Essa teoria da causa determinante dos nossos atos ressalta com evidência de todo o ensino que os Espíritos hão dado. Não só é sublime de moralidade, mas também, acrescentaremos, eleva o homem aos seus próprios olhos, mostra-o livre de subtrair-se a um jugo obsessivo, como livre é de fechar sua casa aos importunos. Ele deixa de ser simples máquina, atuando por efeito de uma impulsão independente da sua vontade, para ser um ente racional, que ouve, julga e escolhe livremente de dois conselhos um. Aditemos que, apesar disto, o homem não se acha privado de iniciativa, não deixa de agir por impulso próprio, pois que, em definitiva, ele é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

Conseqüentemente, as faltas que cometemos têm por fonte primária a imperfeição do nosso próprio Espírito, que ainda não conquistou a superioridade moral que um dia alcançará, mas que, nem por isso, carece de livre-arbítrio. A vida corpórea lhe é dada para se expungir de suas imperfeições, mediante as provas por que passa, imperfeições que, precisamente, o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que delas se aproveitam para tentar fazê-lo sucumbir na luta em que se empenhou. Se dessa luta sai vencedor, ele se eleva; se fracassa, permanece o que era, nem pior, nem melhor. Será uma prova que lhe cumpre recomeçar, podendo suceder que longo tempo gaste nessa alternativa. Quanto mais se depura, tanto mais diminuem os seus pontos fracos e tanto menos acesso oferece aos que procurem atraí-lo para o mal. Na razão de sua elevação, cresce-lhe a força moral, fazendo que dele se afastem os maus Espíritos.

“Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como o nosso mundo é um dos menos adiantados, nele se conta maior número de Espíritos maus do que de bons. Tal a razão por que aí vemos tanta perversidade. Façamos, pois, todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor, em um desses mundos privilegiados, onde não nos lembraremos da nossa passagem por aqui, senão como de um exílio temporário. (3)

#### BIBLIOGRAFIA

1. MARTINS PERALVA, O Espiritismo e Livre-Arbitrio. *O Pensamento de Emmanuel*. 15. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1999. p. 199-202.
2. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Curriculo Para as Escolas de Evangelização Espírita Infante Juvenil*. Rio de Janeiro, FEB, 1982. p. 74.
3. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. Perg. 825-828, 833-934, 843-850, 872.



## ANEXO 2

V UNIDADE: O ESPIRITISMO  
1º CICLO DE JUVENTUDE  
PLANO DE AULA Nº. 5

### Roteiro Para o Painel

1. Dividir a turma em 4 grupos.
2. Distribuir a cada grupo as proposições 1, 2, 3 e 4 respectivamente.
3. Marcar um tempo de 15 minutos, no máximo, para a resolução da tarefa.
4. Dar a cada grupo 5 minutos para a exposição do resultado do seu trabalho.

#### Proposição I

A questão da liberdade, do livre-arbítrio (livre escolha, livre julgamento sobre o que pensar, falar ou fazer) é muito discutida pela filosofia e desde as épocas mais antigas os homens se ocuparam dela.

Uma das escolas que estudaram esta questão assim se posicionou em relação ao assunto:

1. O homem é dotado de inteligência e livre-arbítrio, tem a faculdade de analisar, discernir e decidir.
2. Quem comete um crime age por sua livre vontade.

Obs.: Pensem bem sobre este resumo, pois vocês estão encarregados de expô-lo aos outros grupos, explicando através de exemplos, este ponto de vista. Escolham um relator para fazê-lo.

## Proposição II

A questão da liberdade, do livre-arbítrio (livre escolha, livre julgamento sobre o que pensar, falar ou fazer) é muito discutida pela filosofia e desde as épocas mais antigas os homens se ocuparam dela.

Uma das escolas que estudaram esta questão assim se posicionou em relação ao assunto:

3. O homem age sob o comando de forças orgânicas, físicas: são suas glândulas e nervos que o controlam.
4. O crime não é resultado da livre vontade, mas de fatores biológicos.

Obs.: Pensem bem sobre este resumo, pois vocês estão encarregados de expô-lo aos outros grupos, explicando através de exemplos, este ponto de vista. Escolham um relator para fazê-lo.

## Proposição III

A questão da liberdade, do livre-arbítrio (livre escolha, livre julgamento sobre o que pensar, falar ou fazer) é muito discutida pela filosofia e desde as épocas mais antigas os homens se ocuparam dela.

Uma das escolas que estudaram esta questão assim se posicionou em relação ao assunto:

1. O homem é o produto de fatores sociais.
2. O homem será criminoso ou virtuoso de acordo com as influências sociais que receba.

Obs.: Pensem bem sobre este resumo, pois vocês estão encarregados de expô-lo aos outros grupos, explicando através de exemplos, este ponto de vista. Escolham um relator para fazê-lo.

## Proposição IV

A questão da liberdade, do livre-arbítrio (livre escolha, livre julgamento sobre o que pensar, falar ou fazer) é muito discutida pela filosofia e desde as épocas mais antigas os homens se ocuparam dela.

Uma das escolas que estudaram esta questão assim se posicionou em relação ao assunto:

“(...) O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados, os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode (...) (ser) arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. (...) Não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode cerrá-los à voz material daquele que lhe fale ostensivamente. (...) Quanto mais se depura, tanto mais diminuem os seus pontos fracos e tanto menos acesso oferece aos que procurem atraí-lo para o mal. (...)” (\*)

Obs.: Pensem bem sobre este resumo, pois vocês estão encarregados de expô-lo aos outros grupos, explicando através de exemplos, este ponto de vista. Escolham um relator para fazê-lo.

⊥

**Nota:** Não citar a Bibliografia no texto para o evangelizando, para não influenciar seu raciocínio.

(\*) KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro, FEB, 1998. perg. 872 (1º, 8º e 10º §), p. 398, 399, 401-402.